

CMUHE030722

HISTÓRIAS da "cidade negreira". Jornal de Domingo, Campinas, 08 maio 1988.

# Histórias da "cidade negreira"

## FUGIU

ao abaixo assinado, o escravo Antonio, com os seguintes sinais:

Mulato claro, cabelos soltos, baixo, corpulento, pés grandes, mal encarado, regulando 38 anos de idade.

Gratifica-se bem a quem preadel-o e entregat-me.

Campinas, 30 de Outubro de 1883.

Jose de Souza Campos.  
6-6

A escravidão em Campinas foi parcialmente reconstituída. No auge do café era a região que mais abrigava escravos. As histórias que marcaram a vida de muitos negros e mancharam o nome de alguns latifundiários são as mesmas que engrandeceram abolicionistas da cidade, como Francisco Glicério e Bento Quirino. As tentativas de rebelião, raras, também aconteceram. Embora tenha recebido numa época o apelido pouco elogioso de "cidade negreira", Campinas, pelo menos ao que se sabe, não tratava seus escravos de maneira cruel. "A população negra era maioria e, se fosse tratada muito mal, certamente se rebelaria" — argumenta o historiador Celso Maria de Mello Pupo.

## 100U000 Escravo fugido

Fugio de Francisco Paulino de Moraes da estação de Jaguary (estação Mogiana), o escravo de nome Henrique com os seguintes sinais: Preto, baixo, olhos azuis, rosto meio comprido, pés pequenos, corpo fino, bons dentes, cabelo carapinha, bem fallante e desembaraçado, vestido com roupa fina.  
Gratifica-se com a quantia acima a quem leval-o a fazenda do annuncia-lo ou entregat-o em qualquer cidade avisando a seu senhor.  
Campinas, 2 de Maio de 1882.  
5-1



Gravuras de Debret (cortesia Arquivo VBI)

Castigo de um escravo, executado nas praças públicas. Quem castigava era outro prisioneiro, usando um chicote de lâmina de couro cru. Quando o chicote ficava embebido em sangue, um novo era usado para continuar a flagelação. Em 1829 foram abolidas essas execuções públicas.

Os sapateiros eram personagens importantes, na época. Sobretudo porque as mulheres só usavam sapatos de seda que duravam, no máximo, três meses. Na ilustração de Debret, um sapateiro aplica a palmatória a um de seus escravos.



Negros acorrentados faziam o transporte de água para os estabelecimentos públicos, em fila indiana.

HISTÓRIAS da "cidade negreira": mais da metade do povo era negra.  
Jornal de Domingo, Campinas, 08 maio 1988.

## Mais da metade do povo era negra

No ciclo do café no Brasil, Campinas foi a região do Estado de São Paulo que mais abrigou escravos. Dos pouco mais de 31 mil habitantes registrados em 1872, 61 por cento da população era negro ou mulato. Cerca de 30 grandes latifundiários, os barões do café, comandavam a cidade e região. Os escravos faziam parte de um grupo deixado à parte, sempre.

A fim de engrossar os livros de posse de escravos — inventários que chegavam a ultrapassar duzentas folhas — freqüentemente se realizavam na cidade — concorridos leilões. Caso os dentes e a compleição física da "mercadoria" estivessem em ordem, pagavam até a quantia alta de um conto de réis (cerca de cem mil cruzados hoje) para sua obtenção.

A cada escravo comprado, uma guia de impostos, a Siza, ou meia Siza, era preenchida. Os compradores pagavam de 30 a 40 mil réis por escravo, dependendo da época. Até 1829, muitos escravos aprendiam a submissão a seus senhores acorrentados a um pelourinho em praça pública. Neste ano, o Império de D. Pedro I aboliu esta prática.

### "Cidade negreira"

O grande número de escravos nas lavouras de café e cana em Campinas e alguns alardes sobre tratamentos desumanos de um número reduzido de senhores aos escravos proporcionaram, em pouco tempo, um título nada apreciável à cidade; o de "Campinas, cidade negreira". O surgimento de alguns grandes abolicionistas, como Francisco Glicério, a família Quirino (Francisco e Bento, fundadores do jornal A Gazeta de Campinas) aliviaram um pouco o peso depreciativo sobre a cidade.

Entretanto, uma história comovente sobre o assassinato a sangue frio de um menino escravo, foi importante no trabalho de conscientização dos barões de café, feitores e senhores de engenho. Conta-se que, em 1813, no sítio de Joaquim Bernado Gomes — a três léguas (6 quilômetros) da vila — um capitão do mato recém-chegado provocou um incidente que chocou a opinião pública branca e revoltou a negra:

Um negrinho risonho de nome Vicente, filho da escrava Ana Maria brincava em setembro de 1813 perto

de sua mãe, que batia roupa no córrego. Um tal Dâmaso, capitão do mato, armado com espingarda chegou por aquelas bandas e sentou-se num toco por perto.

A escrava Ana Maria continuou seu trabalho, sem dar muita atenção ao visitante. Num repente de loucura e prepotência, Dâmaso falou à escrava, sem demonstrar que era sério:

— Quer ver como eu atiro nesse neguinho?

— Ô, ô, ô, siô num é capaiz... — respondeu a mulher sem imaginar o pior, pensando que fosse uma brincadeira.

— Não?

E disparou uma carga de chumbo que varou do peito às costas do negrinho.

### Bebedeiras e açoites

As leis que progressivamente beneficiavam os escravos (Sexagenária, que liberta escravos com mais de 60 anos; Ventre Livre, liberdade às crianças nascidas após a data) provocaram um problema social no século 19. Os homens negros livres acabavam precisando roubar para se manter. Dos feixes de canas roubados e vendidos nas ruas e nas tabernas compravam, além do alimento, a aguardente. Passou a se tornar comum ver negros livres dos açoites mas presos pelo vício cambaleando pelas ruas e provocando desordens. A pena sobre eles era pesada, na reincidência: 30 dias de cadeia.

A fim de conter o "perigo escravo" — o medo de uma sublevação em razão da maloria da população ser negra — os proprietários de escravos esqueciam suas rixas políticas para unirem-se contra uma possível revolta, como a tentativa que ocorreu em 7 de abril de 1822.

Aproveitando-se do clima tenso que antecedeu a Independência, grupos de negros ansiosos também pela sua independência dos feitores organizaram um motim. Não fosse a pronta reação dos senhores, que organizaram uma coleta para pagamento de mercenários (vinte homens ao todo, armados) e a consequência seria grave. O pedido, anotado e passado adiante pelos senhores de escravos, exclamava "todos a contribuir, na medida do possível, a bem da causa justa".

HISTÓRIAS da "cidade negreira": "olhos acesos e rosto comprido".  
Jornal de Domingo, Campinas, 08 maio 1988.

## "Olhos acesos e rosto comprido"

"Fugio de Francisco Paulino de Moraes da estação de Jaguary o escravo de nome Henrique com os seguintes signaes: preto, baixo, olhos acesos, rosto meio comprido, pés pequenos, corpo fino, bons dentes, cabelo carapinho, bem falante e desembaraçado, foi vestido com roupa fina. Gratifica-se com a quantia de 100\$000 (cem mil réis cerca de 10 mil cruzados hoje) a quem leval-o a fazenda do annunciante ou entregal-o em qualquer cadeia avisando a seu senhor"(sic).

Não fosse as características humanas do fugitivo descrito no anúncio da "Gazeta de Campinas" de 3 de maio de 1882 (106 anos quase exatos) e poderia se pensar tratar do desaparecimento de um cãozinho de estimação. Tratava-se, entretanto e na mais crua realidade, do desaparecimento de um escravo que pertencia a um dos cerca de trinta grandes latifundiários da região de Campinas, habitada na época por pouco mais de trinta mil pessoas, 60% das quais de cor negra.

No mesmo jornal em que foi noticiada a morte do naturalista inglês Charles Darwin — que poucos anos antes, em passagem pelo Brasil se escandalizara com os maus tratos impostos aos escravos — em 23 de abril de 1882, saiu também um anúncio onde panos de al-

godão para escravos eram oferecidos a preços ainda menores do que já custavam. Também eram comuns anúncios de chicotes perdidos, "com cabo e correntinha de prata e trança fina do mesmo metal".

Embora alguns senhores de escravos e feitores não tratassem seus escravos com a dignidade que mereciam, Campinas de vinte anos antes da Abolição parecia abrigar habitantes de sentimentos altruístas e morais. Como demonstra o anúncio publicado na mesma *Gazeta de Campinas* onde se dizia: "Achou-se numa das ruas desta cidade um anel de brilhante. Quem for seu dono e dado os signaes certos pode recebê-lo em casa do senhor Jacob Bolliger & C. pagando a despeza do presente anúncio.

Se a intenção do senhor Jacob era apenas demonstrar honestidade — ou deixava transparecer nas entrelinhas uma certa dose de demagogia — até hoje não se soube. Da mesma maneira, a obstinação do senhor Francisco Paulino de Moraes em reaver seu escravo Henrique talvez estivesse firmada em um sentimento de vingança alimentado pelo rancor de ver seu escravo caseiro "vestido com roupa fina" e beneficiado com certas regalias preferir a fuga a morrer escravo.

HISTÓRIAS da "cidade negreira": no hotel-fazenda, cenas da escravidão.  
Jornal de Domingo, Campinas, 08 maio 1988.

## *No hotel-fazenda, cenas da escravidão*

Reviver a escravidão numa fazenda construída por escravos é o que pretende o grupo Liberdade, Canto e Dança e Teatro no próximo sábado (14), a partir das 14h30, no Hotel Solar das Andorinhas. O Andorinhas é uma fazenda que mantém ainda características fiéis às do século passado. Uma espécie de "Via sacra" pela fazenda vai mostrar cenas da escravidão protagonizadas por 35 figurantes. Durante o percurso será possível reviver cenas do negro trabalhando na lavoura, de mulheres negras batendo roupa na bica, negros carregando água na canga e o nascimento de uma criança na senzala. Um leilão de escravos também será mostrado, além do castigo de um deles (um negro terá seu tendão cortado, como eram castigados os fugitivos para que perdessem os movimentos ágeis dos pés e tentassem nova fuga). O passeio vai terminar na cozinha da fazenda. Ali, negras estarão fazendo feijoada, muqueca e angu, as comidas típicas dos negros.

HISTÓRIAS da "cidade negreira": escravos não sofriam tanto, diz historiador. Bornal de Domingo, Campinas, 08 maio 1988.

## *Escravos não sofriam tanto, diz historiador*

O historiador Celso Maria de Mello Pupo conviveu, quando criança, com muitas pessoas que haviam sido escravas e teve amigos filhos de escravos. Para ele, o que tem acontecido no Brasil nos últimos anos é um "surto de exageros em relação ao sofrimento escravo muito além do que era na realidade". Mello Pupo, responsável direto pela preservação de documentos antigos sobre Campinas — entre os quais vários impostos (chamados Siza) sobre compra de escravos, admite que houve castigos cruéis aos escravos, mas partiam de pessoas bábaras por natureza e não que os castigos fossem prática comum naquela época.

O maior argumento que Mello Pupo apresenta para contrapor-se à afirmação de castigos cruéis comuns impostos aos escravos é o de que mais da metade da população de Campinas era de cor negra ou mulato e por isso, poderiam, a qualquer momento, sublevar-se com facilidade e tomar o poder.

— O problema maior que acontecia na época da escravi-

dão era que o negro não possuía qualquer remuneração, por isso não tinha também incentivo nenhum para o trabalho — define Mello Pupo. A gratidão do senhor de escravos vinha, não raramente, no fim da sua vida, em forma de uma carta de alforria, que libertava o negro, sempre após a morte de seu senhor. Uma delas, a terceira de uma série de alforrias registradas em Campinas, foi escrita em 1798.

O escravo de nome Henrique ganhou a simpatia de seu senhor Pedro Bueno de Silveira, que lavrou sua carta de alforria: "Se morrer, ele (Antonio) fará minha sepultura. Daí, depois de tudo feito e acabado, poderá tomar o caminho que lhe parecer e peço às justiças de Sua Majestade que me dêem todo cumprimento a este desejo como se fora escritura pública, e fique todo o que quiser embarçar citado para o Tribunal Divino neste rancho dos Pinheiros, onde não tem tabelião, o faço de minha letra e sinal, hoje, 20 de outubro de 1798, declaro que dou liberdade a este meu escravo, depois de morrer."

HISTÓRIAS da "cidade negreira": o caso de amor do rei do Congo.  
Jornal de Domingo, Campinas, 08 maio 1988.

## O caso de amor do rei do Congo

Quando ouviu falar que haviam senhores de escravos no Brasil que, em tempo de moagem obrigavam seus escravos a trabalhos diuturnos sem revezamento, o negro João Barbeiro sentiu raiva da vida, em 1829. Embora trabalhasse em serviço caseiro para o Alferes Nogueira numa fazenda que hoje estaria a poucas quadras do centro de Campinas, João Barbeiro foi se deixando indignar pelas coisas que ouvia.

Castigos rigorosos aos escravos João Barbeiro sabia que até mesmo alguns senhores da "Vila de São Carlos" (como na época Campinas era chamada) aplicavam aos seus servos, mas contar até quatrocentas chibatadas era demais. Além disso, o negro transgressor da época era atado a ferros pesados, grilhões nos pés, gancho no pescoço e corrente, tudo a um só tempo por meses.

Conta a história de Campinas antiga que João Barbeiro chegou ao ponto da revolta pessoal total. Ao olhar para seu corpo forte e não desprezar sua inteligência acreditou que poderia liderar uma insurreição em Campinas, de sucesso absoluto, a ponto de inverter a ordem social vigente, sobretudo porque a maioria da população era negra. Como desfrutava de relativa liberdade na casa de seu senhor e houvera adquirido, com o longo tempo de serviço sua confiança, pôde começar a articular seu plano.

Numa noite qualquer em 1829, João Barbeiro se postou diante de poucos negros de olhos arregalados numa senzala e, após recapitular alguns acontecimentos anteriores na cidade, quando mais um negro fora contemplado com quarenta açoites, argumentou que as coisas não podiam mais ficar como estavam e decretou sem meias palavras:

— Cada cárcero, de cada senzala, vai ficar encarregado de matar seu sinhô.

Às argumentações dos companheiros, João Barbeiro possuía respostas prontas, sempre brilhantes. A adesão se tornou clandestina e maciça em poucos dias. João Barbeiro entusiasmou-se e se auto-proclamou "Rei do Congo":

Para obter a aceitação e aclamação dos outros escravos, fazia uso de um discurso radical e populista. "Seremos livres, dono da Vila de São Carlos. Todo nego há de andar de pano fino e de casaca. Terá botina e,

se quizé, sua mulé branca." João Barbeiro falava as duas últimas palavras do discurso com os olhos cheios de cobiça, pensando em adquirir à força a futura viúva do Alferes Nogueira, seu "sinhô". "Se os branco podi comprar os nego, os nego também podi té as branca", deduzia.

De senzala em senzala, de engenho em engenho, João Barbeiro passava as noites. Aproveitava-se do fato de que seu senhor estava viajando para o Rio de Janeiro e Petrópolis, em companhia da mulher.

Enquanto o tempo passava, armas foram forjadas utilizando-se ancinhos e velhas ferramentas eram transportadas discretamente pelos escravos em vasos de barro ou no meio dos feixes de cana-de-açúcar. Nas senzalas menos freqüentadas pelos senhores brancos, guardavam o arsenal improvisado, até o dia da insurreição final, marcado para a sexta-feira da semana santa de 1830, na volta do Alferes Nogueira e sua família. Ali, matariam o Alferes e dariam início à revolta. Cada "parcero" então, se voltaria contra seu senhor em suas respectivas fazendas e o mataria. Depois, todos os revoltosos se reuniriam no centro da Vila de São Carlos para a proclamação pública do novo rei, o "Rei do Congo, João Barbeiro".

O dia combinado na surdina para a revolta se aproximava. Os negros sonhavam em suas senzalas com o tempo em que terminariam os maus tratos à sua raça, a semi-nudez, os alimentos cozidos apenas em água e sal, o desprezo para com suas enfermidades e o trabalho nos domingos e feriados.

João Barbeiro não iria participar ativamente da insurreição. Rei não guerreira, ordena. Iria ficar na senzala, sentado no trono arranjado por seus recentes súditos e recoberto com uma capa turquesa. Indicara alguém para matar o Alferes e trazer sua mulher ao seu novo senhor.

Montada a estratégia, o dia da revolta chegou. Há poucos minutos da chegada do Alferes, uma ordem desanimadora foi ouvida e passada à frente pelos negros. A insurreição fora cancelada. Atônitos, alguns dos líderes designados pelo Rei do Congo correram para o castelo-senzala. Encontraram João Barbeiro fora do trono, desolado, olhar distante, triste. A mulher do Alferes resolvera permanecer mais alguns meses em Petrópolis.